

COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine (Org.). **Literatura e tradução.** Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.



Patrícia Rodrigues Costa
(Mestranda em Estudos da Tradução – POSTRAD/UnB)
patriciacosta.tradutora@gmail.com

José Lambert é professor e pesquisador da *Katholieke Universiteit Leuven*, na Bélgica. Fundou juntamente com Gideon Toury e James S. Holmes a disciplina Estudos da Tradução. No Brasil, atua como professor visitante estrangeiro na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É editor da revista *Target: International Journal of Translation Studies* e presidente de um dos mais importantes centros de pesquisa em Estudos da Tradução: o CETRA.

Literatura e Tradução: textos selecionados de José Lambert reúne 12 ensaios escritos entre 1975 e 2000, traduzidos por diversos pesquisadores atuantes no Brasil, no campo dos Estudos da Tradução. O livro pode ser dividido em três partes: “A questão da tradução e as dinâmicas literárias e suas implicações”, “A tradução sob a visão francesa na época romântica” e “As novas perspectivas dos estudos da tradução”. A organização e escolha dos textos destacam a contribuição de José Lambert para a área, bem como a preocupação dos organizadores em problematizar o conceito de tradução.

O livro conta com uma apresentação do autor escrita pelos organizadores – Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Costa (UFSC) –, prefácio redigido por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG) e orelha apresentada por Germana Henriques Pereira de Sousa (UnB). Os referidos paratextos da coletânea de ensaios expõem um panorama sobre a trajetória de Lambert e uma apresentação dos artigos, demonstrando, assim, a importância desse teórico para os Estudos da Tradução.

O artigo de abertura “Em busca dos mapas-múndi das literaturas”, traduzido por Walter Carlos Costa (UFSC), apresenta uma discussão a respeito das literaturas nacionais e do eurocentrismo constante na pesquisa literária. Lambert demonstra a dificuldade e impossibilidade de se estudar a literatura conforme as fronteiras geográficas impostas, já que tradições, crenças e línguas extrapolam, cruzam, confundem as fronteiras. Segundo Lambert,

237

seria proveitoso utilizar o “princípio da *multiplicação* dos mapas [...] [para] renovar e reorientar [...] [a] representação literária do universo” (p. 21). O pesquisador aponta para a dificuldade de se estabelecer um mapa das línguas, já que há uma falsa crença acerca da homogeneização das línguas em cada território, cujo único desvio é representado em mapas a respeito do bilinguismo. Desse modo, o multilinguismo seria difícil de ser mapeado, pois a língua muda constantemente. Nesse artigo, Lambert fala da questão das “literaturas nacionais”, conceito difícil de definir, já que remete aos princípios políticos. Para o autor, a “literatura nacional” extrapola as fronteiras, bem como as línguas, e estaria sempre em formação devido ao contato com as demais literaturas mundiais: “O princípio das literaturas nacionais implica inevitavelmente uma definição restritiva e, portanto, normativa, da literatura a partir de concepções modernas e eurocêntricas, muito comprometedoras quando variam os quadros culturais (e literários)” (p. 26).

A literatura sob o panorama da comunicação é abordada no artigo “Teoria literária e as dinâmicas da era das mídias – modelos estáticos versus modelos dinâmicos”, traduzido por Werner Heidermann (UFSC). O autor apresenta a percepção de que a literatura estaria erroneamente ligada à tradição escrita, demonstrando que diversos especialistas em semiótica já ampliaram o conceito de texto, para além do componente escrito; o texto seria também detentor de componentes audiovisuais, atualmente, muito condicionado às sociedades virtuais.

“Literaturas, tradução e (des)colonização”, traduzido por Marcia A. P. Martins e Paulo Henriques Britto (PUC-Rio), remete às questões da literatura e cultura discutidas nos artigos anteriores por meio do princípio dos mapas-múndi das línguas, literaturas e culturas. Nesse artigo, Lambert afirma que as traduções são atuantes tanto em nações quanto em línguas específicas; no entanto, não se pode esquecer que “as línguas não podem ter as mesmas fronteiras que as unidades políticas, visto que toda tradução constitui-se, pelo menos em parte, de uma mistura de línguas” (p. 46). Para ele, a tradução seria ainda dependente de regras e valores em si mesma e no meio político, além de ser um fenômeno econômico e remeter a uma questão de poder, quando se refere aos processos de (des)colonização, ou seja, seria uma atividade cultural, funcional, política e “parte de estratégias coloniais” (p. 51). O autor relata ainda a estabilidade e dependência de uma sociedade de acordo com a frequência de exportações e importações de textos e, conseqüentemente, de suas traduções.

O ensaio “Os estudos da tradução são muito literários?”, traduzido por Julio Cesar Neves Monteiro (UnB) e Luana Ferreira de Freitas (UFC), como o próprio título indica, põe em o caráter (excessivamente?) literário dos estudos da tradução. Segundo Lambert, a partir

da “década de 1970 [...] o conceito de normas foi introduzido nos estudos da tradução” (p. 77) e são essas normas que classificam uma tradução como literária ou não, sendo um “resultado de combinações de opções, decisões e técnicas” (p. 79). Ademais, relata o início da pesquisa em estudos da tradução e afirma que na década de 1960, “a questão da literatura estava distante da tradução” (p. 83). No entanto, com a teoria do Skopos, ou seja, com o conceito de normas e objetivos, a tradução passou a fazer parte da cultura novamente. Lambert destaca a inclusão da “questão da tradução (literária) no campo da pesquisa social como um dos desafios da sociologia contemporânea” (p. 89) e o uso da tradução e da língua por economistas como chave para a dinâmica das sociedades comerciais com exemplos dos novos rumos da tradução no século XXI.

Em “A época romântica na França: gêneros, a tradução e a evolução literária”, traduzido por Ofir Bergemann de Aguiar (UFG), Lambert relata a interação de textos estrangeiros escritos em francês e texto franceses durante o século XIX como sendo a chave para a evolução da literatura francesa (p. 94). O autor discute a seleção de textos estrangeiros e suas traduções e, por esse motivo, relata perspectivas relacionadas à tradução na França, por exemplo, observa-se que cada gênero foi influenciado de diferente forma, confirmando o quão autóctone ou importado era. Lambert afirma ainda que “[...] diferentes subgêneros da prosa dominante correspondem a esquemas estrangeiros que foram progressivamente domesticados” (p. 99) demonstrando, desse modo, a importância da tradução no desenvolvimento do sistema literário.

O embate do gênero, sua designação, importância, classificação, valores (literários, políticos, morais, sociais, etc.) e seleção, e, conseqüentemente, a questão da literatura e a literatura “popular”, é retomado no artigo “Os gêneros e a evolução literária na época romântica”, traduzido por Márcia Atália Pietrolungo e Marcelo Jaques de Moraes (UFRJ). Lambert destaca o fato de que após o surgimento da “literatura industrial”, destinada às massas e consequência do sistema capitalista, a crítica de traduções de peças de teatro passou a ser mais intensa, enquanto as de romances e contos eram menos sofisticados e às vezes inexistentes.

A “disputa” entre a prosa e o verso, sendo o último considerado o verdadeiro expoente da literatura (p. 122), é o destaque no artigo “Verso e prosa na época romântica, ou A hierarquia dos gêneros nas letras francesas”, traduzido por Claudia Borges de Faveri (UFSC). De acordo com Lambert (1989), na tradição francesa do século XVIII até 1800 havia um grande questionamento ao se traduzir Shakespeare, pois “(...) encontra-se marcada pelo

dilema prosa/verso: as traduções destinadas à cena são redigidas em verso (e correspondem, por isso, a uma poética mais clássica), enquanto as versões em prosa são destinadas à leitura, o que as libera de um número impressionante de restrições” (p. 129).

Realizada por Mauri Furlan (UFSC), a tradução do artigo “A tradução na França na época romântica: acerca de um artigo recente” relata a relevância da tradução como difusora de influências estrangeiras e, conseqüentemente, o papel do tradutor, seu prestígio e qualidade para a crítica. Para Lambert, a tradução é conceituada de acordo com a época em que se insere a tradução de uma determinada obra, e, por essa razão, o Outro, o estranho na literatura, é observado e ressaltado de maneira diferente pelas sociedades e em épocas distintas.

“A pesquisa em andamento na Universidade Católica de Leuven: literatura e tradução na França (1800-1850)”, traduzido por Phillippe Humblé (Erasmus University College) e por Silvania Carvalho (Katholieke Hogeschool Leuven), ressalta a presença dos Estudos da Tradução em ambiente acadêmico na Europa Ocidental, já que “sempre se ocupou de maneira mais ou menos secundária de traduções e de problemas de tradução” (p. 161). Lambert destaca o novo impulso dos estudos da tradução na Bélgica a partir de sua tese de doutorado com a criação de um programa especializado em estudos da tradução. Para ele, a princípio, seria mais fácil ascender na carreira acadêmica, caso se opte por traduzir textos latinos e gregos e se aplique o conceito das “belas infiéis” ao traduzir. Lambert trata também da influência da presença ou não de paratextos nas traduções.

“A teoria do polissistema de Itamar Even-Zohar: uma perspectiva interdisciplinar em pesquisa cultural”, traduzido por Andréia Guerini (UFSC) e Fernanda Verçosa (aluna especial de mestrado do programa em Linguística Aplicada da Unicamp), relata o surgimento da teoria do polissistema, proposta por Even-Zohar, juntamente com a abordagem funcionalista. Para Lambert a teoria do polissistema é um conjunto de hipóteses com foco na literatura e que não se restringiria às fronteiras de uma nação ou à sua língua. Desse modo, essa teoria seria de suma importância na mudança de foco da pesquisa literária, pois Even-Zohar propôs explorar a dinâmica cultural sob o viés da heterogeneidade da língua e da tradução e em oposição à língua “em relação a outras instituições como literatura, nação, religião ou ordem social” (p. 175).

Traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC) e Álvaro Faleiros (USP), o ensaio “A tradução” conceitua a área a partir dos anos 1970 e, para isso, é imprescindível determinar um momento histórico, seus produtores, seu público-alvo e toda uma gama de aspectos importantes para compreender o real mundo do ato tradutório. De acordo com

Lambert, as literaturas e culturas mais estáveis imporiam suas convenções às traduções, ao passo que as literaturas e culturas em crise ou em formação tendem a manter as características das obras importadas, o que acarretaria em pseudotraduções (p. 187). Ademais, cada cultura e literatura teria sua própria concepção do que é traduzir e por essa razão a questão do aceitável ou adequado seria diferente para cada uma, não havendo espaço para a questão da “fidelidade”. Por esse motivo, o estudo das normas e sistemas que orientam os tradutores com base em seus metatextos e teorias seria de grande valia, além de situar os textos traduzidos no sistema de chegada, os quais sempre fazem parte de um sistema intermediário (p. 193).

Em “Sobre a descrição das traduções”, traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres e por Lincoln P. Fernandes (UFSC), Lambert demonstra o reconhecimento da tradução na investigação científica macro e microestrutural, pois o “texto traduzido é um documento óbvio para o estudo de conflitos e paralelos entre a teoria e a prática tradutória” (p. 205). A pesquisa em tradução deve, portanto, ser realizada considerando-se o coletivo, ou seja, a influência de autores, tradutores e traduções sobre esta.

A escolha dos textos que compõe esse livro implica uma leitura guiada, detalhada e esclarecedora a respeito de diversos aspectos ligados aos Estudos da Tradução. A leitura dos quatro primeiro artigos nos permitiu compreender o modo como uma literatura e sua tradução estão relacionadas à escrita e à colonização. E, assim, pode-se perceber como a literatura não está necessariamente ligada às fronteiras de uma nação. Essa primeira leitura permitiu debruçarmo-nos sobre a importância da França na época romântica para a tradução nos quatro artigos seguintes. Já no último terço do livro, pode-se ter uma leitura mais amadurecida a respeito das novidades nos Estudos da Tradução e sua importância.

Literatura e Tradução: textos selecionados de José Lambert é uma obra de extrema relevância para quem deseja compreender melhor o surgimento e desenrolar dos Estudos da Tradução, uma disciplina nova, mesmo sendo o ato tradutório uma prática antiga em todo o mundo, bem como entender a interação entre literatura e tradução e suas problemáticas. Por essa razão, essa obra é recomendada a todos os interessados por cultura, literatura e tradução, sendo pesquisadores da área ou não.